

Em Louvor à Ordem e à Estabilidade: Os Jogos Decenais de Septímio Severo

ANA TERESA MARQUES GONÇALVES*

Nosso objeto de pesquisa tem sido a estruturação das formas de poder no mundo romano antigo. As maneiras que os homens encontraram de exercer poder uns sobre os outros, as formas de ascensão aos cargos criados, os modos de se opor a este poder, os jeitos de apresentá-lo como legítimo e legal e os estratagemas usados para se manter neste poder têm nos interessado há muito tempo. Como afirma Ramón Teja, em seu artigo “Il Cerimoniale Imperiale”, os rituais não são máscaras para o poder, mas uma forma de poder (TEJA, 1993:642). Desta forma, os rituais e as festas também se transformaram em assuntos cujo interesse tem se mostrado extremamente profícuo para os estudos históricos. A partir da percepção de que num momento festivo ou ritualístico se definem várias formas de interação e de relacionamento social, criando-se hierarquias e estruturando-se formas de poder, as festividades passaram a ser vistas como objetos históricos por excelência.

Para Jean-Marie Apostolidès, o espetáculo é uma necessidade intrinsecamente associada ao exercício do poder: o monarca deve deslumbrar o povo. O cerimonial associado ao monarca tem por função tornar visível o imaginário do corpo simbólico. A arte clássica tem por função traduzir em imagens o corpo imaginário do rei, através das referências mitológicas das quais se nutre a monarquia. Longe de serem autônomas, as diferentes artes só encontram sua vitalidade no discurso político que as organiza (APOSTOLIDÈS, 1993:10, 15 e 70).

Fazendo um breve levantamento de como historiadores e antropólogos têm trabalhado com o objeto “festa” (SILVA, 2000:38-39), percebemos que a maioria dos trabalhos parte da concepção de que festa é vista como um ato coletivo, ritual, em que acontecem inversões, subversões, por vezes, a instauração do caos, marcado principalmente pela alegria. Os momentos estudados são muitas vezes marcados pela carnavalização social, pelo descarrego de tensões reprimidas, pela êxtase, pela suspensão da ordem.

* Professora de História Antiga e Medieval da UFG. Doutora em História Econômica pela USP. Bolsista Produtividade do CNPq.

Contudo, no mundo romano, em várias ocasiões festivas vemos a estruturação de festividades que não se adequam a esta forma de conceituar “festa”. Trata-se de festejos oficiais, nos quais as principais características são exatamente a manutenção da ordem, o reflexo de certas posições sociais previamente definidas, a formação de uma identidade e a construção de uma memória oficial e coletiva das festividades e da razão da comemoração.

Vemos toda comemoração como uma forma de comunicação (BURKE, 2002:27), um objeto por excelência no qual se pode articular a análise das relações que se estabelecem entre a política, o poder, a propaganda e a memória. As festas continuam a fazer sentir os seus efeitos mesmo quando já acabaram. Associam, pois, a indivisibilidade e a duração característica do sagrado com a divisibilidade do profano. Como ressalta Klaus Bringmann, num artigo sobre os festejos triunfais dos Imperadores, os romanos não conheceram festas que não fossem ao mesmo tempo religiosas e profanas, visto que todos os atos que eram realizados em nome da comunidade política eram, ao mesmo tempo, feitos visando uma comunidade de culto (BRINGMANN, 1988: 67). As festas antigas traçam perspectivas que apontam o passado e o futuro de uma coletividade. Por elas, a comunidade reunia o que ocorria no presente, lembrava o passado e indicava metas para o futuro.

A festa é um fenômeno gerador de imagens multiformes da vida coletiva e gera e/ou indica vínculos sociais a serem resgatados e/ou mantidos. Toda comunidade precisa de algo para celebrar, pois toda festa é um tempo consagrado. Normalmente, a festividade comporta uma multiplicidade de atividade de naturezas diversas, mas que se encadeiam e ganham sentido quando encadeadas, distinguindo a festa de uma simples cerimônia. Embora a festa seja também um espetáculo, distingue-se dele, pois quase sempre exige a participação ativa daqueles que dela participam. Mesmo ser espectador de uma festa é, de certa forma, relacionar-se com todos os presentes, é atuar para sua realização de alguma maneira (PEREZ, 2002:23-28).

A realização de cerimônias públicas, de momentos festivos, é uma forma sofisticada muito antiga de comunicação com objetivo político, pois as festas ajudam a manipular a opinião pública, a persuadir através de imagens e a legitimar o mando, sendo, deste modo, um dos vários instrumentos de poder. No desenrolar das festas, divulgam-se mensagens, imagens, símbolos e mitos, que auxiliam no controle social. A

linguagem festiva é, sobretudo, imagética, o que explica seu alto poder de persuasão, de busca de consentimento e de apoio ao poder, garantindo uma impressão de unidade, fundamental para a manutenção do comando. O poder utiliza meios espetaculares para marcar sua entrada na história (comemorações, festas de todo o tipo, construção e reconstrução de monumentos).

As manifestações do poder não se coadunam com a simplicidade; a grandeza, a ostentação e o luxo as caracterizam. As emoções tendem a se exacerbar nos espetáculos festivos organizados pelos poderosos. As imagens utilizadas nas festas marcam a identidade dos regimes e dos espetáculos do poder, realizados com o objetivo de mostrar grandiosidade e força política. Nenhum sistema político é mudo. Um poder que não fala pelo *décor*, pela *mise-en-scène*, perderia a adesão do grupo de apoio, pois a persuasão reforça a sujeição. Portanto, as festas são signos e fazem parte de um ritual: não há sociedade sem ritual e não há ritual sem festas, pois elas ajudam a legitimar o regime (CAPELATO, 1998: 19-59).

O ritual pode ser entendido como um conjunto de atos formalizados, expressivos, detentores de uma dimensão simbólica. Ele é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de comportamento e de linguagem específicos e por sinais emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns de um grupo. O ritual insiste na dimensão coletiva, isto é, ele faz sentido para os que o partilham. Ele tem eficácia social, pois ordena a desordem, dá sentido ao acidental, cria situações de adesão e regula conflitos. A festa é antes de tudo um ato coletivo, com um lado sagrado e outro leigo de puro divertimento, e serve ao poder, que deve afirmar-se regularmente no decurso de grandes cerimônias (SEGALEN, 2000:23 e 73-74).

As festividades garantem ao detentor do poder visibilidade e popularidade, importantes instrumentos para a aquisição e a manutenção do comando social (BELL, 1997:8). E os romanos souberam muito bem utilizar suas festas como formas de conseguir o apoio das divindades para seus intentos e garantir a legitimação dos soberanos. No debate travado entre Agripa e Mecenas, principais colaboradores de Otávio, no início de seu governo, descrito por Dion Cássio, Mecenas adverte o Imperador Otávio Augusto: “Decore esta capital com público descuido com relação aos custos e torne-a mais magnífica com festivais de todos os tipos” (DION CÁSSIO. *História*

Romana, LII, 31.1). Relendo as *Res Gestae Divi Augusti*, o testamento de Otávio mandado colocar por Tibério, seu herdeiro e sucessor, em placas de mármore no templo dedicado ao culto imperial, vê-se que Otávio soube utilizar muito bem este conselho de seus principais amigos, pois promoveu inúmeras festas ao longo de seu governo. Ele realizou jogos quatro vezes em seu nome e vinte e três vezes pelos magistrados que deveriam custeá-los, mas estavam ausentes ou não tinham meios de subvencioná-los (CARCOPINO, 1990:249). E depois dele todos os outros imperadores o seguiram, relembando festas antigas dos tempos da Realeza e da República e criando novas, que ajudavam a garantir a unidade imperial.

As festas serviam também de cenário para a apresentação das boas qualidades, da imagem idealizada do soberano. Nos momentos festivos, ele era a imagem da generosidade, ao promover distribuições de dinheiro e/ou alimentos, da força, ao ser aclamado pelas legiões e pela plebe urbana de Roma ou das cidades provinciais, do pontificado, ao realizar importantes ritos religiosos, responsáveis por garantir o apoio das divindades à continuidade do Império.

Religião e Poder se misturaram intrinsecamente em solo romano. O calendário de festividades (*feriae*) era imenso e comportava verdadeiros ciclos festivos bastante heterogêneos nas formas de comemoração. As festas misturavam várias formas de agradar aos deuses e aos homens. Numa mesma festividade poderiam ocorrer procissões festivas, sacrifícios de animais, jogos gladiatórios, banquetes públicos, corridas de carros, entre outras atrações. Por isso, ao separarmos as formas festivas e realizarmos a análise de algumas festas, estamos procedendo à construção de objetos históricos, ao selecionarmos informações capazes de nos esclarecerem como se davam as relações sociais ao longo das festividades.

De acordo com H. Mattingly, as festas de *decennalia* e as cerimônias de *adventus* eram momentos privilegiados para a formulação dos *vota publica*, pedindo às divindades a proteção dos Príncipes, além da tradicional festa de três de janeiro, na qual se dedicavam pedidos aos deuses em favor dos soberanos e de suas famílias (MATTINGLY, 1950:156).

Outras duas grandes cerimônias públicas marcavam os governos imperiais: os Jogos Seculares, que comemoravam a Fundação de Roma, e os *decennalia* do Imperador, isto é, a comemoração dos dez anos de governo do Príncipe. Para aqueles

que governavam Roma mais de dez anos e que estavam no poder quando a fundação da cidade completava centenários, estas eram ocasiões perfeitas para lembrar os súditos de reverenciar o poder.

Dion Cássio nos informa que os jubileus decenais dos Imperadores tiveram sua origem no governo de Otávio Augusto. Este Príncipe havia recebido do Senado e do povo romano a honra de ter um *imperium* legal por dez anos, vendo-o renovado por mais dez anos e assim sucessivamente. Cada uma destas renovações legais dava lugar à celebração de uma grande festa. A prática da renovação decenal do *imperium* pelo Senado foi abandonada por Tibério, mas não a festa e a comemoração de pelo menos dez anos no poder (DION CÁSSIO. *História Romana*, LIII, 16.2-3). E foi assim, separada da concessão do *imperium*, que a festa tradicional chegou aos governos dos demais Príncipes.

Anualmente, celebrava-se em todo o Império, por intermédio de aclamações, o dia de aniversário da recepção do *imperium* pelo Príncipe, os chamados *dies imperii*. Porém, as festas denominadas de *decennalia* tinham outra amplitude. Davam lugar a cerimônias e jogos espetaculares e eram comemoradas com a construção de grandes obras públicas. Eram sempre realizadas em Roma com a presença do Imperador. A festa decenal era realizada ao início do décimo ano e não ao seu fim; devido a essa prática tradicional, as festividades de Septímio Severo, pro exemplo, foram em 202 d.C. e não em 203 d.C., já que recebeu o título de *imperator* e o reconhecimento do Senado pela primeira vez em 193 d.C. (CHASTAGNOL, 1984:93). E estas festividades em Roma contaram com uma importante testemunha ocular, Dion Cássio, que nos deixou em sua obra a sua descrição dos festejos.

Segundo Dion (DION CÁSSIO. *História Romana*, LXXVII, 1.1):

Na ocasião do décimo aniversário de sua ascensão ao poder, Severo presenteou o conjunto daqueles que se beneficiavam das distribuições de trigo (a plebe frumentária) e os soldados da Guarda Pretoriana com moedas de ouro em igual número aos anos de seu reinado. Ele vangloriou-se de sua generosidade, e, de fato, nenhum Imperador anterior tinha gasto tanto dinheiro com a população. Estima-se que gastou no total duzentos milhões de sestércios (cinquenta milhões de dracmas).

Segundo Fergus Millar, este pequeno estrato do texto diôneo é a descrição mais detalhada que existe de um congíario, ou seja, da distribuição de moedas à plebe, pois,

segundo ele, se percebe que o congiário era calculado em aureos. Ele afirma que a generosidade do ano de 202 d.C. equivaleu a um quarto dos ganhos anuais do Estado romano (MILLAR, 1991:155-156), demonstrando a importância política e econômica desta distribuição no início das festas decenais.

Além disso, aproveitou-se a ocasião para se realizar o casamento do novo Augusto e sucessor indicado de Septímio, Caracala, com a filha do Prefeito do Pretório e *comes* do Príncipe, Plautiano, já se buscando a criação de mais uma geração de Severos, pela espera de filhos para Caracala e Plautila. Seguindo-se a narração de Dion Cássio (DION CÁSSIO. *História Romana*, LXXVII, 1.2).:

As núpcias de Antonino, filho de Severo, e de Plautila, filha de Plautiano, foram celebradas neste momento. E Plautiano deu a sua filha um dote suficiente para garantir o casamento de cinquenta princesas. Nós vimos os presentes quando foram carregados do Fórum para o Palácio.

Percebe-se, desta forma, como os casamentos, eventos iminentemente privados, eram publicizados pelo transporte do dote e dos presentes em via pública e pela ocorrência de banquetes públicos em honra dos noivos. Plautiano, por exemplo, aproveitou a ocasião e a afluência de pessoas para Roma, para assistirem a realização da festa, para expor publicamente sua riqueza, seu poder e sua proximidade com a família imperial. Além de casar sua filha com o Príncipe herdeiro, Plautiano forneceu um dote descomunal que foi carregado como uma procissão do Fórum para o Palácio.

Como era necessário também integrar os aristocratas na festividade, segundo Dion, foi oferecido um banquete: “E nós participamos juntos de um banquete, em parte real em parte com um estilo bárbaro, no qual foram servidos não somente todas as costumeiras carnes cozidas, mas também carne crua e diversos animais ainda vivos” (DION CÁSSIO. *História Romana*, LXXVII, 1.3).

No banquete se revigoravam as forças dos convivas e se uniam em torno da família imperial os principais cidadãos do Império. Este banquete era tanto nupcial, pois sucedeu o casamento de Caracala, quanto de comemoração pelo poder que se mantinha há dez anos. Ele integrava, segundo André Chastagnol, os atos religiosos às festas decenais. Antes do banquete, havia sacrifícios e libações e se faziam procissões religiosas pela cidade até o templo de Marte, buscando-se o apoio das divindades ao governo comemorado (CHASTAGNOL, 1987:493-496).

E não se concebia organizar uma festa sem que jogos e espetáculos ocorressem. Como nos diz Dion Cássio (DION CÁSSIO. *História Romana*, LXXVII, 1.4-5):

Neste tempo, ocorreram todos os tipos de espetáculos em honra do retorno de Severo, da comemoração de seus dez primeiros anos no poder e de suas vitórias. Nestes espetáculos, lutaram uns com os outros, a um sinal dado, sessenta javalis selvagens de Plautiano, junto com vários outros animais selvagens, que foram mortos, incluindo entre eles um elefante e um corocottas (uma espécie de hiena). Este último animal é uma espécie indiana, que foi introduzida em Roma neste momento pela primeira vez, segundo meu conhecimento. Tinha a cor de uma leoa e de um tigre combinados, e a aparência geral destes animais, como também de um cachorro e de uma raposa, curiosamente listrado. No centro do anfiteatro foi construído um grande receptáculo de água dentro do qual se construiu um navio, e este navio era capaz de receber e de liberar quatrocentas feras de uma só vez. Depois o navio foi bruscamente escondido na água, e de dentro dele passaram a surgir na arena ursos, leoas, panteras, leões, avestruzes, asnos selvagens, bisões (este é uma espécie de boi estrangeiro em espécie e aparência). Então, setecentos animais ao todo, entre selvagens e domesticados, um de cada vez ou ao mesmo tempo, foram sendo abatidos, enquanto corriam para todos os lados. Para corresponder à duração da festa, que durou sete dias, o número de animais abatidos foi sete vezes cem.

Assim, foram três os motivos de comemoração e não apenas um, como no tempo de Otávio: o retorno do Príncipe para Roma, os dez anos no poder e suas vitórias militares. Deste modo, Severo agregou vários motivos para comemorar numa mesma ocasião e da forma mais pública possível.

Herodiano também se referiu a esta festa em sua obra (HERODIANO. *História do Império Romano Após Marco Aurélio*, III, 10.1-2):

Depois de concluir com êxito a campanha do Oriente, Severo se pôs em marcha apressada para Roma com seus filhos, que já estavam na idade da adolescência. No caminho atendeu aos assuntos das províncias, segundo as circunstâncias de cada caso, e visitou os exércitos da Mésia e da Panônia. Assim que chegou a Roma, foi recebido em triunfo pelo povo romano com aclamações e pompa extraordinárias. Ele ofereceu sacrifícios e dedicou ao povo festas com jogos e espetáculos. Efetuou, da mesma maneira, uma generosa distribuição de dinheiro e pagou jogos triunfais.

Além disso, era comum que quando um Imperador ascendia ao poder e na ocasião da comemoração de seus jubileus, que fossem-lhe feitos retratos que eram

exibidos em todo o Império. Os retratos originais, que serviam de modelo para as oficinas provinciais, saíam costumeiramente de Roma, quer fossem estátuas ou bustos, ou se faziam desenhos que eram coligidos em livros de modelos, que atravessavam o território imperial (SCHUCHHARDT, 1972:131-138). Lembremos ainda, que em retribuição às vitórias, o Senado poderia não apenas votar honras triunfais, mas também ordenar a construção, no Fórum de Roma por exemplo, de arcos triunfais, como foi o caso de Septímio com a construção de um arco em 203 d.C.. O importante era que as vitórias e os grandes feitos fossem inscritos na memória romana.

Portanto, como afirma Arnaldo Momigliano, as estátuas, os templos, os sacerdotes, os jogos, os sacrifícios e outros atos cerimoniais que se executavam em honra do Imperador ajudavam a fazê-lo presente: também ajudavam o povo a expressar seu próprio interesse na conservação do mundo em que viviam (MOMIGLIANO, 1992:170). Comemorar o governante era também festejar a manutenção da situação vigente, a ordem e a estabilidade, prática esta que permaneceu presente até o mundo contemporâneo.

Referências Bibliográficas

1) Documentos Textuais

Dio's Roman History. English translation by Earnest Cary. London: William Heinemann, 1961. v.9 (The Loeb Classical Library).

HERODIANO. *Historia del Imperio Romano después de Marco Aurélio*. Traducción y notas por Juan J. Torres Esbarranch. Madrid: Gredos, 1985.

SUETÔNIO. *Divus Julius*. Tradução de Agostinho da Silva. Lisboa: Horizonte, 1975.

2) Obras Gerais

ALDRETE, G. S. *Gestures and Acclamations in Ancient Rome*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

APOSTOLIDÈS, J.-M. *O Rei-Máquina*. Brasília: Edunb, 1993.

ARCE, J. *Funus Imperatorum*. Madrid: Alianza, 1988.

BARTSCH, S. *Actors in the Audience*. Cambridge: Harvard University Press, 1994.

- BELL, A. J. E. Cícero and the Spectacle of Power. *Journal of Roman Studies*. London, 87:1-22, 1997.
- BICKERMAN, E. Consecratio. In: *Le Culte des Souverains dans l'Empire Romain*. Genève: Fondation Hardt, 1973. t.19, p. 3-25.
- BRAVO, G. El ritual de la "Proskynesis" y su Significado político y Religioso en la Roma Imperial. *Gerión*. Madrid,15:177-191,1997.
- BRIND'AMOUR, P. L'Origine des Jeux Séculaires. *Aufstieg Niedergang und Romischen Welt*. Berlin,2(16), parte 2:1335-1420,1972.
- BRINGMANN, K. El Triunfo del Emperador y las Saturnales de los Esclavos em Roma. In: SCHULTZ, U. *La Fiesta: Una Historia Cultural desde la Antigüedad hasta Nuestro Dias*. Madrid: Alianza, 1988. p. 65-75.
- BURKE, P. O Carnaval de Veneza. In: CUNHA, M. C. P. (org.) *Carnavais e outras Frestas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 27-39.
- CANNADINE, D.; PRICE, S. (ed.). *Rituals of Royalty*. Cambridge: University Press, 1987.
- CAPELATO, M. H. R. *Multidões em Cena*. Campinas: Papirus, 1998.
- CARCOPINO, J. *Roma no Apogeu do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHASTAGNOL, A. Les Fêtes Décennales de Septime-Sévère. *Bulletin de la Société Nationale des Antiquaires de France*. Paris, 7:91-107,1984.
- _____. Aspects Concrets et Cadre Topographique des Fêtes Décennales des Empereurs à Rome. In: *L'Urbs: Espace Urbain et Histoire*. Rome: École Française de Rome, 1987. P.491-507.
- COARELLI, F. Note sui Ludi Saeculares. In: *Spectacles Sportifs et Scéniques dans le Monde Étrusco-Italique*. Rome: École Française de Rome, 1993. p.211-245.
- CUMONT, F. *Recherches sur le Symbolisme Funéraires des Romains*. Paris: Payot, 1945.
- DRINKWATER, J. F. L'Urbanizzazione in Italia e nelle Regioni Occidentali dell'Impero. In: WACHER, J. (org.). *Il Mondo di Roma Imperiale: Vita Urbana e Rurale*. Bari: Laterza, 1989. p. 24-60.
- DUPONT, F. *L'Acteur-Roi ou le Théâtre dans la Rome Antique*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.
- _____. *Daily Life in Ancient Rome*. Oxford: Blackwell, 2001.
- GAGÉ, J. Les Jeux Séculaires de 204 ap. J.-C. et la Dynastie des Sévères. *Mélanges d'Archéologie et d'Histoire de l'École Française de Rome*. Paris,51:33-78,1934.
- GRIMAL, P. *El Alma Romana*. Madrid: Espasa Calpe, 1999.
- _____. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1992.
- _____. *A Vida em Roma na Antiguidade*. Lisboa: Europa-América, 1995.

- GUARINELLO, N. L. Festa, Trabalho e Cotidiano. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris (orgs.). *Festa, Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Edusp, 2001. v. 2, p. 969-975.
- HOPKINS, K. *Conquistadores y Esclavos*. Barcelona: Península, 1978.
- _____; BEARD, M. *The Colosseum*. Cambridge: Harvard University Press, 2005.
- HUNTINGTON, R.; METCALF, P. *Celebrations of Death*. Cambridge: University Press, 1979.
- JONES, P.; SIDWELL, K. (eds.). *The World of Rome: An Introduction to Roman Culture*. Cambridge: University Press, 1998.
- KYLE, D. G. *Sport and Spectacle in the Ancient World*. Oxford: Blackwell, 2007.
- LEVICK, B. L'Urbanizzazione nelle Regioni Orientali dell'Impero. In: WACHER, J. (org.). *Il Mondo di Roma Imperiale: Vita Urbana e Rurale*. Bari: Laterza, 1989. P. 5-23.
- LIU-GILLE, B. Divinisation des Morts dans la Rome Ancienne. *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*. Bruxelles, 71:107-117, 1993.
- MACCORMACK, S. G. *Art and Ceremony in Late Antiquity*. Berkeley: University of California Press, 1981.
- _____. Change and Continuity in Late Antiquity: the Ceremony of Adventus. *Historia*. Wiesbaden, 21:721-752, 1972.
- MATTINGLY, H. The Imperial Vota. *Proceedings of the British Academy*. London, 36:155-195, 1950.
- MEIER, C. *Política e Graça*. Brasília: Edunb, 1997.
- MEIJER, F. *The Gladiators*. New York: Thomas Dunne, 2005.
- MILLAR, F. *The Emperor in the Roman World*. London: Duckworth, 1992.
- _____. Les Congiaries à Rome et la Monnaie. In: GIOVANNINI, A. (ed.). *Nourrir la Plèbe*. Kassel: F. Reinhardt, 1991. P. 143-159.
- MOMIGLIANO, A. *De Paganos, Judíos y Cristianos*. México: FCE, 1992.
- NOCK, A. D. Religious Developments from the Close of the Republic to the Reign of Nero. In: *Cambridge Ancient History*. Cambridge: University Press, 1966. V. 10, p. 465-511.
- PEREZ, L.F. Antropologia das Efervescências Coletivas. In: PASSOS, M. (org.). *A Festa na Vida*. Petrópolis: Vozes, 2002. p.15-58.
- PIPPIDI, D. M. Apothéoses Impériales. In: *Parerga*. Bucuresti: Academici, 1984. P. 89-107.
- PRICE, S. R. F. *Rituals and Power*. Cambridge: University Press, 1985.
- RICHARD, J.-C. Recherches sur Certains Aspects du Culte Impérial. *Aufstieg Niedergang und Romischen Welt*. Berlin, 2(16), parte 2:1122-1134, 1978.
- _____. Les Aspects Militaires des Funérailles Impériales. *Mélanges de l'École Française de Rome*. Paris, 78:313-325, 1966.

_____. Énée, Romulus, César et les Funérailles Impériales. *Mélanges de l'École Française de Rome*. Paris,78:67-78,1968.

ROMANO, R. (dir.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda,1994.

SCHEID, J. Contraria Facere: Renversements et Déplacements dans les Rites Funéraires. *Annali del Seminario di Studi del Mondo Classico*. Napoli, 6: 117-208, 1984.

SCHUCHHARDT, W. H. *Arqueologia*. Lisboa: Meridiana, 1972.

SEGALEN, M. *Ritos e Rituais*. Lisboa: Europa-América, 2000.

SILVA, M. M. de S. e. A Historiografia Descobre a “Festa”. *Hélade*. Rio de Janeiro, 1(1):38-52,2000.

SIMPSON, C.-J. Imp. Caesar Divi Filius. *Athenaeum*. Pavia,86(2):419-435,1998.

TEJA, R. Il Cerimoniale Imperiale. In: MOMIGLIANO, A.; SCHIAVONE, A. (dir.). *Storia di Roma*. Torino: Giulio Einaudi, 1993. V.3(1), p.613-642.

WEINSTOCK, S. *Divus Julius*. Oxford: Clarendon Press, 1971.

WIEDEMANN, T. *Emperors and Gladiators*. London: Routledge, 1992.